

OS TRÊS SOROCABANOS DE CUIABÁ

Discurso proferido pelo Acadêmico Pedro Rocha Jucá na sessão solene conjunta da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso no dia 8 de abril de 1990.

Pedro Rocha Jucá

Nesta sessão solene conjunta da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso estamos comemorando o 271º aniversário de fundação de Cuiabá. Reconhecemos que a cerimônia não apresenta todo o brilho que a festividade exige, mas ao mesmo tempo devemos proclamar que a nossa manifestação de amor à Capital mato-grossense não é, e nem deve ser, restrita apenas à sua data máxima. Aqui, nesta Casa Barão de Melgaço, neste prédio histórico, entoamos diariamente, através de incessante atividade cultural, hinos de amor e de exaltação a Cuiabá.

A fundação de Cuiabá, o descobrimento das Lavras do Sutil e a conquista do centro da América do Sul pelos bandeirantes paulistas, são páginas importantes no processo histórico de definição do território brasileiro. E isto, vale destacar, numa época diferente, onde os interesses em jogo dividiam Portugal e Espanha numa vigorosa confrontação.

Desde 1524 os portugueses avançavam por dentro dos limites que corresponderiam depois a Mato Grosso. A bandeira de Aleixo Garcia partiu de São Vicente rumo ao Oeste, acompanhado de meia dúzia de patrícios, comandando um grande número de índios guaranís, em busca da famosa "Sierra de La Plata", que, segundo os indígenas, existia onde o Sol se punha. Aleixo Garcia, cobiçando inesgotáveis tesouros de prata, atravessa o Planalto de Maracajú e desce pelo atual Rio Miranda, atingindo depois a foz do Rio Paraguai, onde a sua bandeira recebeu um reforço de aproximadamente dois mil índios guaranís. Sabe-se que Aleixo Garcia chegou ao Peru e conquistou fabulosas riquezas, mas foi trucidado pelos próprios indígenas quando a sua bandeira regressou à Bacia do Paraguai.

Os índios guaranís conheciam várias regiões da América do Sul e muito antes dos portugueses e espanhóis eles já haviam chegado tanto

ao Oceano Atlântico como ao Oceano Pacífico. Não se pode afirmar, com toda a certeza, que os índios guaranís tenham chegado a Cuiabá na sua configuração geográfica de agora, mas não se pode duvidar que tenham chegado a esta região. Da mesma forma que os Bororos vieram pela Bolívia, os Guatós, os Guanás e outros grupos indígenas guaranís, como os temíveis Paiaguás, aqui chegaram pelo Rio Paraguai, aproveitando as facilidades de acesso fluvial existentes no Pantanal Mato-grossense.

Assunção antecipou-se a São Paulo e foi o primeiro polo de expansão geográfica na América do Sul. Se a partir do Século XVII os Mbayas (Os Guaicurus, principalmente) não tivessem impedido o avanço dos indígenas e dos jesuítas de Assunção rumo ao Norte, talvez fosse diferente a História de Cuiabá. A expansão mbaianica teve início em 1667, quando surgiu o índio cavaleiro no Planalto Mato-grossense, e se transformou num verdadeiro domínio territorial entre os anos 1720 e 1773, isolando Assunção. O avanço das bandeiras paulistas ficou, assim, mais fácil. Encerrando o domínio dos Mbayas, índios Paiaguás subiram o Rio Paraguai e tudo fizeram, até serem dominados pelos portugueses, contra a presença paulista em Cuiabá.

A influência guaraní, com ou sem a dominação cuiabaiânica, já estava consolidada no Pantanal Mato-grossense, onde a sua escassa e espalhada população falava línguas de origem assuncenha, o mesmo acontecendo com bandeirantes paulistas que aqui chegaram. A propósito, até o Século XVIII, em São Paulo, falava-se guaraní nas famílias, espanhol nas ruas e somente português no trato oficial com as autoridades dominantes, vindas de Portugal.

No seu clássico livro "Viagem ao Redor do Brasil", o médico e historiador João Severino da Fonseca citou padre Losano que afirmou ser Iraty o primeiro nome do Rio Cuiabá. Ibirá ou ibirá corresponde a madeira e ty a líquido. Seria, então, madeira líquida, o que descreve, como é o costume do índio, a região, onde há muita madeira e muita água.

Por isto, continuamos insistindo com a nossa hipótese de que o nome Cuiabá é de origem guaraní, sendo um topônimo para nominar, para descrever, esta vasta região do Pantanal Mato-grossense, mais precisamente o Vale dos Índios das Águas, por onde se chega à denominação atual. Quá, cuá, Kuá - baía, porto, planície, enseada, vale; y - água; e avá ou abá - índio do sexo masculino. A região Pantanal Mato-grossense é realmente uma imensa planície, um imenso vale. Os índios guaranís não conheciam os acidentes geográficos ao modo dos civilizados, mas sabiam descrever as regiões designadas com os seus topônimos.

Três expressivos nomes de bandeirantes paulistas estão ligados aos primórdios da História de Cuiabá. Em busca da Serra dos Martírios, onde existiriam fabulosas riquezas, Antonio Pires de Campos chegou até São Gonçalo, no lado esquerdo da foz do Rio Coxipó, no seu encontro com as águas do Rio Cuiabá. Tornou-se, assim, o descobridor da Capital mato-grossense. Vendo que a sua rota estava errada, ele buscava o caminho certo na região do Rio Abaixo, quando se encontrou com a bandeira de Pascoal Moreira Cabral (a quem alguns historiadores paulistas costumam acrescentar o importante tronco familiar dos Lemes) e lhe indicou o arraial pioneiro que havia construído em São Gonçalo. Fustigado pelos índios e em busca agora do ouro farto que existia na região, Pascoal Moreira Cabral consagrou-se mais tarde como o fundador de Cuiabá, depois de instalar os arraiais de Forquilha e do Senhor Bom Jesus, este último na atual localização desta Capital. O terceiro e definitivo arraial surgiu com a descoberta das Lavras do Sutil, a maior mina de ouro do mundo no início do Século XVIII, graças a Miguel Sutil de Oliveira.

O primeiro cronista cuiabano Joseph Barboza de Sá, em "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosó De Seos Principios Thé os Presentes Tempos", afirma textualmente:

"Foi o primeiro que subiu este rio (refere-se ao Rio Cuiabá) Antonio Pires de Campos em procura do gentio coxiponé chegando a uma aldeia deles, onde é hoje a Capela de São Gonçalo; aí prendeu muitos e voltou para baixo em procura das mais frotas que andavam por essas largas e dilatadas baías, em procura das mais nações".

Dos filhos de Manoel de Campos Bicudo, coube a Antonio Pires de Campos a continuidade de seus feitos nos sertões. Desde menino, acompanhando o pai, ele estava acostumado com a vida difícil e rude das entradas e bandeiras. Como resultado do seu intenso trabalho, chegou a possuir 600 índios trabalhando na sua fazenda Itaicy, em São Paulo, e por eles era chamado de "Pai Pirá". Ao sentir a proximidade da velhice, as recordações da infância lhe afloraram na mente com grande intensidade, principalmente do encontro da bandeira do seu pai com a do velho Anhanguera, Bartolomeu Bueno. Os dois filhos desses bandeirantes, ambos com 14 anos naquela oportunidade, se dedicaram mais tarde a buscar as minas da Serra dos Martírios, que teriam sido encontradas pelos seus pais.

Quase quarenta anos depois, Antonio Pires de Campos estava decidido a localizar as citadas minas, onde estaria o ouro do Paraupava. As indicações eram escassas, frutos da imaginação, resquícios da sua infância, mas nada disto iria desestimular o seu intento. Deveria subir o

Rio Cuiabá e alí buscar o rumo certo (entre o Norte e o Oeste, ficando o sertão dos Bacairís à direita). A expedição foi organizada, mas Antonio Pires de Campos não revelou o seu objetivo aos demais companheiros de jornada.

Em 1718, ele subiu o Rio Cuiabá e percorreu parte do Rio Coxipó-Mirim, indo por terra até à Serra da Canastra, depois chamada de Serra de São Jerônimo, porque na expedição anterior, em 1673, os bandeirantes se socorreram de São Jerônimo para se salvar de uma forte tempestade. Da mencionada serra, rumou em direção da nascente do Rio da Casca, afluente do Rio Manso, que, por sua vez, desemboca no Rio Cuiabá.

Foi até à região de Paranatinga, o "Mar Branco", onde pensava que existiam as minas de Paraupava, a famosa Serra dos Martírios. Se Antonio Pires de Campos tivesse escavado o rico solo de Paranatinga, ele teria encontrado ouro e diamante, mas nunca a sua sonhada Serra dos Martírios. Isto talvez provocasse uma mudança nos rumos da História de Mato Grosso, mas o destino fez questão de apenas alimentar a fantasia que deminava a imaginação do grande bandeirante paulista.

Não encontrando a Serra dos Martírios nesta parte de Mato Grosso, Antonio Pires de Campos buscou novo caminho, no rumo de Goiás, descendo o Rio Cuiabá. Na região denominada Aterrado do Bananal, ele estava acampado para cultivar as roças necessárias para o reabastecimento da expedição, quando se encontrou em 1719 com a bandeira de Pascoal Moreira Cabral, que vinha subindo o rio. O descobridor transmitiu ao futuro fundador de Cuiabá as informações necessárias e seguiu o seu destino, jamais encontrando a Serra dos Martírios, talvez apenas uma mina de ilusões e nada mais.

Pascoal Moreira Cabral, o fundador de Cuiabá, sempre sonhou em ser o primeiro capitão-mor das minas aqui encontradas. Como bandeirante, ele era capitão e fez valer na ata de fundação de Cuiabá: "Aos oito dias do mês de abril de mil setecentos e dezenove anos, neste Arraial do Cuiabá fez junta o capitão-mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros..." O termo assinado na mesma data acrescenta:

"No mesmo dia, mês e ano atrás nomeados elegeu o povo em voz alta o capitão-mor Pascoal Moreira Cabral por seu guarda-mor regente até a ordem do Senhor General para poder guardar todos os ribeiros de ouro, sovar, examinar, fazer composições com os mineiros e botar bandeiras, tanto aurinas como aos inimigos bárbaros, e visto elegerem ao dito lhe acatarão o respeito que poderá tirar autos contra aqueles que forem régulos, como é amotinador e alevés, que expulsará, e perderá todos os seus direitos e mandará pagar dívidas, e que nenhum se

recolherá até que venha o nosso enviado, o capitão Antonio Antunes, o que todos levamos a bem hoje, 8 de abril de 1719 anos, e eu Manoel dos Santos Coimbra, escrivão do arraial, que o escrevi”.

Pascoal Moreira Cabral foi a primeira autoridade que existiu em Mato Grosso. A sua liderança foi incontestada até o momento em que os interesses pessoais foram evidenciados. O grupo encabeçado por João Leme da Silva, Lourenço Leme da Silva e Pedro Leme da Silva, os famosos irmãos Lemes, passou a lutar pela elevação do cabo-mor Fernando Dias Falcão ao posto de capitão-mor das minas de Cuiabá. Homem rico e um dos maiores mineiros da Capitania de São Paulo, ele contou com o apoio do capitão-general Rodrigo César de Menezes, que não gostava do fundador de Cuiabá.

De acordo com Joaquim da Costa Siqueira, em sua “Crônicas do Cuiabá”, Pascoal Moreira Cabral sabia exercitar a sua autoridade:

“Repartia as lavras, acomodava as contendas que por elas havia, fazia pagar dívidas, julgava as contendas e demandas que se moviam, tudo verbalmente, sem que houvesse forma alguma de processo, com tanta prudência, acordo e agrado das partes, que todos lhe ficavam obrigado, tanto os vencedores como os vencidos. Era paulista dos bons, homem chão, sem letras, pouco polido, de agudo entendimento, sem maldade, sincero, caritativo por extremo, servia e remediava a todos com o que tinha e no que podia, esperto na milícia dos sertões e no exercício de minerar pelo ter já exercitado nas Minas Gerais, valoroso e constante no trabalho; faleceu nesta vila e jaz sepultado na igreja matriz dela e deixou um filho do mesmo nome, que depois da morte do pai veio a estas minas e voltou para povoado”. Os irmãos Lemes chegaram a Cuiabá por volta de 1720. Lourenço e João eram os mais violentos. Diante das desordens por eles promovidas, Pascoal Moreira Cabral fez valer a sua autoridade e os repreendeu publicamente. Era o que bastava para um descontentamento crescente, que culminou quando o vigário não reconheceu o casamento de uma filha bastarda de Lourenço Leme com Domingos Fernandes. O casamento foi anulado, e, o mais grave, publicamente. Os irmãos Lemes entenderam o comportamento do vigário como um desaforo e cercaram a sua casa para matá-lo. Na condição de autoridade máxima das minas, Pascoal Moreira Cabral foi em socorro do religioso, que conseguiu escapar e fugir para São Paulo. Era novembro de 1723 quando os irmãos Lemes conseguiram depor Pascoal Moreira Cabral e em seu lugar colocaram Fernão Dias Falcão, cunhado deles. A deposição resultou de um movimento de mineiros, liderados pelos irmãos Lemes, no Largo da Mandioca, que estava lotado. Os irmãos Lemes foram expulsos, mais tarde, de Cuiabá. João foi para

Ararituaba, onde morreu assassinado e Lourenço foi decapitado na Bahia, tudo isto em cerca de um ano após a deposição de Pascoal Moreira Cabral.

Antes da deposição, sentindo o desprestígio por parte do capitão-general Rodrigo Cesar de Menezes, no dia 15 de julho de 1722 ele dirigiu correspondência a Dom João V, assassinado nas Minas do Coxipó, relatando os seus serviços e solicitando, por se achar destituído de fundos, com mulher e três filhos, a sua confirmação como guarda-mor das minas de ouro de Cuiabá e de capitão-mor regente dos sertões em que ele servia há seis anos. Diante da intervenção do rei de Portugal, Rodrigo Cesar de Menezes nomeou Pascoal Moreira Cabral apenas para guarda-mor e não para o cargo de capitão-mor, "não só pela sua muita idade, como pela pouca atividade que tem para o poder desempenhar".

Descontente com tudo isto, Pascoal Moreira Cabral não teve mais interesse pela vida, e sua morte ocorreu em extrema pobreza. Não se sabe ao exato a data do falecimento de Pascola Moreira Cabral. Em carta régia de 25 de julho de 1725, Pascoal Moreira Cabral foi confirmado por Dom João V como o guarda-mor das minas de Cuiabá. O ódio que o capitão-general Rodrigo Cesar de Menezes nutria contra Pascoal Moreira Cabral fez retardar o anúncio da sua nomeação como guarda-mor, que somente chegou a esta Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá quando seu fundador já estava morto, sepultado em cova rasa, na atual Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Pascoal Moreira Cabral deve ter morrido com cerca de 70 anos. Antes de falecer, vagou nas circunvizinhanças de Cuiabá, onde o seu corpo foi encontrado por acaso. Estevão de Mendonça, em "Datas Matogrossenses", assim exalta a figura do fundador de Cuiabá:

"Homem probo e tolerante, identificado com a sorte dos seus camaradas de peregrinação, de cujos trabalhos e fadigas compartilhava, contra eles não podia empregar o rigor que ao governador de São Paulo se afigurava necessário para o aumento do real erário, senão mesmo para o proveito pessoal, como mais tarde deixou descoberto. Servidor dedicado, dentro do honesto e do justo, Moreira Cabral não se prestava, porém, à extorsão".

Pascoal Moreira Cabral morreu pobre, esquecido, ao léu, injustiçado e longe dos únicos sobreviventes da sua família, dois filhos, que faleceram em Sorocaba. Para compensar tanto sofrimento, os moradores de Cuiabá devem tributar um carinho todo especial à memória do valor e da dignidade do grande bandeirante Pascoal Moreira Cabral, o guarda-mor perpétuo das Minas da Vila do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, cujo solo há de acariciar os seus restos mortais para sempre.

Outra vítima da luta pelo poder em Cuiabá, na fase dos seus primórdios, foi Miguel Sutil de Oliveira. Até parece que a sua participação na História de Cuiabá foi de menor importância. O seu nome não estava entre os dos bandeirantes que assinaram a ata de fundação do arraial no dia 8 de abril de 1719. Sabe-se, contudo, que as Lavras do Sutil existiram e foram confirmadas no livro "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seus Princípios Thé os Presentes Tempos", do primeiro cronista cuiabano, Joseph Barboza de Sá, que assim afirma:

"No seguinte dia botaram-se para o Arraial do Coxipó, fizeram público o descoberto ao que se seguiu despejarem todos a mudarem-se para este sítio a que chamaram Lavras do Sutil, aonde foram formando Arraial e desfrutando a Lavra que foi a mancha de ouro mais copiosa que se tem achado em todo o Brasil, isto é, do alto onde está o tanque pela quebrada abaixo até o córrego, que serão quatrocentas braças pouco mais ou menos e coisa de cento e cinquenta braças para cada lado".

Como se fosse uma chama frágil no impacto contra os fortes ventos, apagou-se repentinamente o nome de Miguel Sutil de Oliveira nas primeiras páginas da História de Cuiabá, embora tenha a sua descoberta definido o atual perímetro urbano da Capital mato-grossense. Miguel Sutil de Oliveira era pobre, tinha poucos escravos Carijós, e se fazia acompanhar de João Francisco Barbudo, com quem saiu de Forquilha em outubro de 1722, para uma roça que começara a plantar nas margens do córrego que mais tarde se chamou da Prainha.

O cônego Luiz Castanho de Almeida, em "Acheugas à História de Sorocaba", publicado em 1938, no volume XXXV da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, assim se refere a Miguel Sutil de Oliveira, na página 175:

"Em 1712 aparece Miguel Sutil. Um sorocabano pobre, depois riquíssimo e no fim miserável, foi este célebre Miguel Sutil de Oliveira, que deixou o seu nome no Paraná e no Mato Grosso". Com uma grande fortuna, Miguel Sutil de Oliveira chegou a Sorocaba no dia primeiro de janeiro de 1724. Além da grande quantidade de ouro que tinha encontrado nas lavras que receberam o seu nome, Miguel Sutil de Oliveira, a exemplo de Pascoal Moreira Cabral, também já não suportava os vexames dos irmãos Lemes.

No dia 12 de outubro de 1724, reaparece Miguel Sutil de Oliveira, desta feita como contratador para exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema, onde mantinha canoas e empregados, cobrando 70 réis por pessoa, 40 réis por carga de negócios e quatro

vinténs por cabeça de cavalo, boi ou vaca, no rumo de Curitiba. Era a única forma de se deslocar entre São Paulo e Paraná, naquela época carente de melhores meios de transporte.

Ele teve apenas um filho legítimo, que tinha o seu próprio nome, e que não lhe deixou descendentes. Tinha, ainda, três filhos naturais, sendo duas mulheres, que se casaram em Sorocaba no ano de 1740, e um homem, Sebastião, de quem não existe outro registro além do batismo.

Depois de ter realizado maus negócios, Miguel Sutil de Oliveira voltou a Sorocaba e no dia 22 de fevereiro de 1748 casou-se com Ana Vieira. Foi a última tentativa de recompor a sua vida, pois já se encontrava em idade avançada. Nessa última etapa, embora com um nome respeitado pelos conterrâneos, Miguel Sutil de Oliveira estava novamente pobre. Morreu no dia 18 de agosto de 1755, na região de Itanguá, a uma légua de Sorocaba. Foi sepultado, como pedira no seu testamento, ao pé do altar do Rosário, mas sem a música, que tanto recomendara, pois o padre Domingos Machado Torres assim achou melhor, por total falta de recursos financeiros.

No dia 22 de agosto de 1975 Miguel Sutil de Oliveira retornou definitivamente a Cuiabá. Os seus restos mortais foram trazidos às antigas Lavras do Sutil por autoridades civis e religiosas de Sorocaba. Como jornalista e como historiador fomos testemunhas daquele momento de forte emoção. Num preito de grande respeito, a Capital mato-grossense parou para receber e reverenciar o responsável pelo surgimento do Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. No dia seguinte, às nove horas, os restos mortais de Miguel Sutil de Oliveira, de Pascoal Moreira Cabral, de Dom Luiz Pereira de Castro, do frei José Maria de Macerta, de Dom José Antonio dos Reis, de Dom Carlos Luiz D'Amour e Dom Francisco de Aquino Corrêa foram transportados para a Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e depositados em sua cripta.

Ao traçarmos o perfil dessas três importantes personalidades das primeiras páginas da História de Cuiabá, neste 8 de abril de 1990, exaltamos não apenas os seus méritos na eternidade dos tempos, mas também transmitimos os seus exemplos às gerações de hoje e de amanhã. Afinal, a importância da cultura é ampla, é incomensurável, principalmente na interligação de épocas. A história, como um dos suportes mais vigorosos da cultura, irradia neste exato momento a mensagem daqueles que pisaram neste solo há 271 anos e aqui fincaram os alicerces sólidos de uma cidade que tem um importante papel a desempenhar no coração da América do Sul. Nesta jornada épica somos todos protagonistas e não simples observadores. Como Antonio Pires de Campos, Pascoal Moreira Cabral e Miguel Sutil de Oliveira, temos que

cumprir a missão que o destino nos reservou, na maior ou na menor proporção. Contudo, e isto não deixa a menor dúvida, todos nós devemos dedicar a mais vigorosa expressão do nosso amor a Cuiabá, tanto no seu passado como no presente e no futuro.